



O documentário “artesanal” como expressão folclórica: estudo de caso do *projeto vinte e um – um diálogo com o cinema*¹

Carlos Fernando Martins Franco²

Preliminares

O que nos motivou a escrever este trabalho foi poder compartilhar este experimento ocorrido durante a produção de vinte e um curtas metragens documentais no período de um ano. Nosso objetivo principal foi o de otimizar o fomento através da experimentação de soluções técnicas criativas com o mínimo de custo.

O chamado *projeto vinte e um* foi ideia do jornalista João Luiz Neiva com o intuito de experimentar os processos de produção, linguagens, bem como sua viabilidade. Foram, ao todo, três temporadas de sete trabalhos que visaram à preservação do patrimônio imaterial e material da cidade de Porto Nacional no estado do Tocantins.

Aqui apresentaremos o relato de uma pesquisa participante do tipo *ex post facto*, a qual trouxe uma experiência rica que poderá ser aplicada em outros locais, cujo objetivo principal, além da busca de processos de produção, foi o de repensar e preservar elementos da cultura popular.

Nunca houve tanta demanda por conteúdo audiovisual como neste início de segunda década do século XXI. A expansão da oferta de televisão paga, bem como o avanço do acesso rápido à internet juntamente com a chegada dos televisores com acesso a conteúdo *on line* incrementaram esta tendência.

Desconstruindo o conceito de folkcomunicação a partir de nossa experiência

¹ Trabalho apresentado no GT 3: Conteúdos da Folkcomunicação, da XVII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, de 10 a 12 de junho de 2015.

² Professor da UFT.



Folkcomunicação, a princípio e tomando como base a fonética, nos remete à divulgação de conteúdo de cunho folclórico. Desde cedo temos nos acostumado a associar folclore com tradições culturais ligadas à oralidade e a um não formalismo. Assim, seu conceito está ligado à divulgação midiática de cunho educativo desse conteúdo. Acontece que riquezas culturais não são apenas manifestações centenárias de cunho folclórico, por que não podem estar relacionadas ao cotidiano?

Vivemos em um país rico em cultura, pois pertencemos ao novo mundo, que se constituiu a partir de inúmeros processos culturais que se juntaram através de apropriações e interpretações mútuas. Percebemos, em função disto, que as pequenas cidades possuem um potencial de exploração amplo e observamos que muito dessa história, tradições orais, acontecimentos pitorescos, locais, se perde por não haver estímulo ao acesso às fontes primárias, tanto por parte de quem pesquisa, quanto pelas próprias populações. Ou seja, muitas vezes o que não está chancelado, publicado “oficialmente” é entendido como não importante ou desinteressante; o que em tese se explica por comodismo ou por não confiarmos em fontes alhures. Outro ponto é a dificuldade de acesso a essas fontes, além de não sabermos que construto finalizar a partir de tal empreitada. Gobbi fundamenta a importância do acesso às entrelinhas de nossa vizinhança, explicando que:

Nossa cultura é resultado de um Brasil de fusões e de intercâmbios, de culturas antigas, como as indígenas, as africanas, as migrantes (japonesa, italiana, alemã, etc) e da própria imigração de norte a sul, de leste a oeste desse país de dimensões continentais. (...) Esse enriquecimento de signos e significações permeados pelos meios de comunicação de massa são traduções de uma história específica, um ritmo próprio, com peculiaridades mostradas nos tempos históricos e subjetivos. A complexidade de ritmos, de formas, de cores, de valores e de manifestações configura o patrimônio de uma sociedade, que recheada de importância peculiar garante a preservação do passado e permite a construção do futuro. (GOBBI, 2011, p. 31)

A partir dessas inquietações, propusemos produzir no intervalo de cerca de um ano o *projeto vinte e um*. Basicamente, havia dois objetivos: mostrar que toda localidade, mesmo pequena, dispunha de riquezas potencialmente divulgáveis e pesquisar sobre processos de produção audiovisual de cunho industrial a baixo custo. A partir da primeira



meta, especificamente, almejávamos incentivar a moçada, dada a facilidade tecnológica vigente tanto no que tange à produção quanto, principalmente, à divulgação.

Cada uma das três temporadas de sete episódios buscou enfatizar um tipo de processo de construção enunciatória. Ou seja, na primeira temporada trabalharíamos com o documentário mais próximo ao formato clássico, registrando o cotidiano, o fazer, o viver das personagens, suas histórias, seus relatos interessantes.

A segunda temporada buscou a reinterpretação, reproduzindo e interpretando o que era dito/mostrado por meio dos processos construtivos ativos. Na terceira temporada, fomos ao encontro de um diálogo com outras linguagens ou formas de expressão, especificamente a fotografia. Outro aspecto experimentado foi o da produção mútua, colaborativa, a partir do acervo e dos olhares das próprias fontes primárias; no caso os moradores. Buscamos fotografias registradas pelas pessoas, nos tempos idos da cidade. Valorizamos, desta forma, os seus olhares.

Terminamos por reafirmar a importância da preservação patrimonial. Por que não considerarmos fotografias registradas pela população como uma fonte primária viva? Infelizmente, observamos ao digitalizar, restaurar e organizar, que fotografias, ilustrações, livros de baixa tiragem, mas com potencial documental riquíssimo, não foram armazenados de forma adequada. Muito do que poderia ser um registro ressemantizado em uma produção audiovisual, com tal potencial, deve ter se perdido. Informações interessantes devem ter se perdido sem sequer termos tido conhecimento.

O desafio de se produzir audiovisual a baixo custo

Primeiramente tivemos de pesquisar muito. Concluímos a princípio que os fabricantes de *software* chamam de equipamento recomendado ou máquina habilitada geralmente é muito além do necessário. Isto sem se esquecer das pressões de marketing dos fabricantes de *hardware* para adoção de seus produtos.

Para se trabalhar com o gerenciamento de imagens em movimento e com som concluímos depois de muita pesquisa em fóruns de discussão na internet e especificações técnicas que podíamos dispor de uma máquina habilitada para edição de vídeo por um quarto do valor.



Conseguimos montar um equipamento por cerca de um quarto do preço de um similar. Obviamente que a capacidade de processamento não era a mesma. Uma compilação de efeito de imagem (renderização) que duraria cinco minutos em uma máquina “recomendada” durava seis ou sete em nossa. O que é um ganho em custo-benefício, pois quinze ou vinte por cento a menos de velocidade compensavam o quarto do preço. Assim, focamos em buscar estabilidade e resultado final, mesmo que demorasse um pouco mais.

Descobrimos um segredo, uma dica para aqueles que não dispõem de amplo conhecimento técnico. Toda máquina cuja configuração executa jogos em 3D de modo fluido serve perfeitamente para produção audiovisual.

Deste modo, nossa *workstation artesanal* dispunha de um bom gabinete, uma boa fonte de alimentação e arrefecimento a água do processador, o que maximizou sua performance pela não dissipação por calor. Era opcional o uso de uma placa dedicada para *preview* e captura. Optamos por utilizar uma TV com tela de LED, que não era *full HD*, e uma placa destas para termos uma boa noção do resultado. Podem ser utilizados no lugar da placa de *preview* e da TV um terceiro monitor de informática exibindo em tela cheia o conteúdo.

Outro detalhe técnico foi que se deve trabalhar com pelo menos dois discos rígidos. Um particionado para o sistema operacional e os programas e outra partição para arquivamento de imagens “brutas” (cópiões) e outro para processamento de arquivos pelo programa editor. Esses discos devem ser os mais rápidos encontrados no mercado, de preferência. Optamos por colocar o máximo de memória RAM que a placa-mãe suportava, o que não era obrigatório, mas aconselhável para que o computador trabalhasse de forma ágil.

Para registro, dispúnhamos de uma câmera filmadora com entrada de áudio do tipo XLR ou *canon*. Este equipamento possibilitou a gravação de depoimentos com qualidade, bem como som ambiente, através de microfone canhão (*shotgun* ou “boom”). Tudo isto acompanhado de um bom tripé e bons microfones.

Outro dado importante para a instrumentalização foi o uso de câmeras acessórias. Atualmente as fotográficas do tipo DSLR (*digital single lens reflex*) gravam imagens em movimento com som com excelente qualidade. Todavia, tivemos o cuidado de utilizá-las



como segunda câmera, pois não são projetadas para serem filmadoras, não dispondo de ajustes para esse fim, bem como uma robustez segura.

A escolha da filmadora foi de vital importância. Há as de sensor prismático (do tipo 3 cmos ou 3 ccd) e as de sensor plano maior que simulam o comportamento ótico do filme fotográfico (câmeras de cinema digital). A operação das primeiras costuma ser mais fácil, pois são concebidas para produções direcionadas à TV. As segundas têm como vantagem a utilização de lentes cambiáveis, de preferência fixas (sem foco variável).

Outros acessórios como rebatedor, monitor para filmagem, luz led, fones, viúva foram adquiridos, pois não representavam alto custo e ajudariam bastante nessa e em outras produções.

Podia-se utilizar a ferramenta para edição que quiséssemos, mas vale a pena uma pesquisa, pois existem muitas opções, geralmente surpreendentemente boas e a um custo muito menor, pois estes são, geralmente, os de aquisição mais dispendiosa. Além desse programa, instalamos ferramentas para gerenciamento e edição de áudio, de compilação de mídia e edição de fotografias. Há muitas opções, até gratuitas, dessas ferramentas. O aconselhável, também, é a aquisição de um bom programa antivírus, pois muitas vezes se usam fotos ou vídeos oriundos de outras máquinas. O ideal seria utilização de software livre, que já é viável, pois existem programas de edição profissionais para essas plataformas.

Como apoio logístico, conseguimos, depois de muita negociação, apoio para o abastecimento do carro, de um restaurante para alimentação da equipe e de alguns outros negócios, que fomentaram a gravação dos DVD's finais, das capas, etc.

Nosso construto: o que foi produzido em pouco mais de um ano

Zé das bicicletas foi o primeiro trabalho produzido, que teve como objetivo mostrar o cotidiano e o ambiente de trabalho do mais antigo mecânico de bicicletas ainda em atividade na cidade. Tivemos de retirar algumas telhas de sua oficina anexa à sua residência para a luz entrar e gravar várias imagens de detalhe de seus afazeres laborais e utilizamos duas câmeras: uma de cinema digital e outra SLR, o que propiciou um resultado muito interessante.



Plano de voo foi o segundo trabalho produzido e contou a história de Adir Valente, o piloto de avião mais antigo em atividade de Porto Nacional. Para a realização, foram utilizadas duas câmeras SLR e uma filmadora para a captura dos depoimentos. Levamos uma das câmeras para o interior do avião bimotor de propriedade do próprio Adir, que realizou um voo curto, para ilustrar sua paixão de toda vida.

O patrimônio material e arquitetônico da cidade foi trazido em *Casarão*. Neste trabalho utilizamos como copião o ensaio fotográfico de Dellena Batista, juntamente com depoimentos de familiares proprietários do casarão mais tradicional do centro histórico. Foi uma experimentação que dialogou imagens fotográficas com material audiovisual, através da montagem. A casa, infelizmente como a maioria do material encontrado, não se encontrava em bom estado de conservação, o que tornou o trabalho de registro limitado.

Em *Artesão*, Zé do Butiri, um tradicional fabricante que utiliza o talo do buriti-palmeira, árvore típica do cerrado, foi mostrado de forma experimental. Trabalhamos com planos fechados, mostrando suas mãos calejadas. As sonoridades foram as da própria oficina. Nessa produção, utilizamos uma câmera SLR e uma filmadora no tripé.

Túnel do Tempo mostrou a atividade dos arqueólogos do NUTA (Núcleo Tocantinense de Arqueologia) fazendo uma demonstração de pesquisa de campo. Ilustrou o trabalho pouco conhecido em sua realidade e importância na região, para a preservação dos vestígios de habitantes primitivos. Documentamos a simulação do trabalho em um sítio arqueológico nos arredores de Porto Nacional.

A cidade nos tempos idos não dispunha de opções de lazer para os finais de semana. Nesse cenário, a Banda Jazz Cruzeiro do Sul animava as domingueiras e matinês. *Big banda* contou a história dos pioneiros músicos que nos anos cinquenta, alimentados pelos repertórios trazidos pelo rádio, animavam desde festas privadas a cortejos fúnebres e missas, passando pelos ingênuos carnavais. O trabalho de produção e pesquisa nasceu de uma única fotografia, a partir da qual se exploraram depoimentos de moradores antigos a parentes, além de desenhos e encenações de performances por músicos contemporâneos no interior de um estúdio.

Para encerrar a primeira temporada, *O contador de histórias* narrou a saga do escritor Edivaldo Rodrigues em uma produção do tipo docudrama, com uma pequena encenação teatral de dois de seus contos.



A segunda temporada muda o foco para trabalhos mais biográficos. *Tecnossuscia* mostrou o trabalho atual do músico Everton dos Andes, que busca levar o folclórico para a linguagem pop. A suscia, dança típica da região centro norte do país, é divulgada ao público com arranjos eletrônicos e hibridizações estéticas. Nesse documentário, utilizamos material de arquivo do próprio artista, além de depoimentos e demonstrações musicais por ele próprio.

Continuando a linha biográfica de preservação *Rozalino* mostrou as obras do artista plástico primitivista de mesmo nome. Na montagem, trouxemos um amplo acervo fotográfico de quadros além da feitura de uma ilustração pelo próprio artista. Optamos por depoimentos de personagens ilustres da cidade, que possuíam exemplares de suas obras. Foi o último registro do pintor, que morreu pouco tempo antes da estreia da temporada.

Indo a uma linha mais experimental, *Empalhados* trouxe a linguagem do videoclipe para o documentário. O trabalho mostrou o acervo do museu de história natural de Porto Nacional e seus animais empalhados. Infelizmente, cumpriu mais a missão de mostrar o abandono, como quase tudo explorado no projeto. Foi um trabalho do tipo música com fotografias.

Voltamos ao biográfico *post mortem* com *Professora Generosa* que contou a história de uma profissional de educação à frente do seu tempo. Nos anos sessenta, ela se utilizava de metodologias de ensino inovadoras como leituras extracurriculares e pesquisa de campo ao lecionar Biologia e Língua Portuguesa, deixando boas recordações em seus ex-alunos que deram depoimentos.

Pontal trouxe a história das ruínas de Bom Jesus do Pontal que muitos acreditam ser a origem da cidade de Porto Nacional. Com a colaboração de pesquisadores e ilustrações, os fatos reais pesquisados foram trazidos à tona. Foram produzidas imagens nas próprias ruínas, bem como produzidas ilustrações.

O santinho contou a história do padre Luso Mattos, um pároco que, apesar da limitação física, construiu uma paróquia e deixou como legado uma ampla obra de caridade. Devoto de Nossa Senhora, muitos populares chegam a atribuir milagres a ele. Nessa produção, utilizamos um ator que representou o “paluso”, como é carinhosamente lembrado pelos populares.

Janelas, para encerrar a série, voltou ao experimental. Mostrou com música e fotografias o rico acervo arquitetônico das janelas do centro histórico de Porto Nacional.



A terceira e última temporada procurou dialogar o atual com o histórico. *Tambores do Tocantins* mostra o projeto de educação musical pela percussão desenvolvido na cidade. Nesse trabalho, mostramos a performance das crianças, futuros percussionistas, enquanto aprendiam a batucar.

Reminiscências mostrou por fotografias cedidas por populares e música três histórias: a do padre Dom Alano, ex-bispo, da prática do futebol e do nascimento dos times na cidade e da própria cidade, através de imagens descompromissadas feitas pelos próprios moradores. Procuramos nesse trabalho valorizar ao máximo a memória informal e o acervo fotográfico, e buscamos mostrar a necessidade de preservar o patrimônio.

Em *Artistas*, voltamos ao contemporâneo e mostramos performances de cinco cantores e compositores da cidade, através de músicas compostas por eles próprios.

Nosso trabalho seguinte voltou ao passado e mostrou a história de três salas de cinema por fotografias, trechos de filmes que foram sucessos à época e depoimentos em *No escurinho do cinema*.

Longe dos olhos, perto do coração contou a história de um *luthier* em atividade. Mostrou a feitura e manutenção de instrumentos musicais em madeira e buriti, bem como seus dotes de músico juntamente com seu filho ao executar peças ao vivo em duo.

Porto Nacional talvez tenha sido a cidade que mais sofreu com a implantação do lago da Usina Hidrelétrica de Lajeado. Toda a cultura em torno do culto e usufruto do rio Tocantins nas temporadas de praia, que iam do mês de maio a outubro, foi mostrado mais uma vez por fotografias cedidas pela população em *A praia*. O documentário seguiu a linha de ensaio fotográfico musical, sem depoimentos.

Após termos concluído as três temporadas, com pouco mais de um ano de atividade, disponibilizamos cópias dos três DVD's para cada uma das escolas da rede pública de ensino e algumas da particular. Segundo informações, nosso material é amplamente utilizado como instrumento de didática, pois se trata de um conteúdo atraente aos alunos.

Aprendemos a nos organizar e produzir com velocidade e qualidade a baixo custo. O que comprova que é uma experiência de folkcomunicação que pode ser aplicada em qualquer cidade do mundo.

REFERÊNCIAS



GOBBI, Maria Cristina. “Cartografia da Folkcomunicação no Cenário Latino-Americano” in MACIEL, Betânia *et alli*. (Org.). **Território da folkcomunicação**. Natal: UFRN, Departamento de Comunicação Social, 2011

NEIVA, João Luiz. **Projeto 21 – primeira temporada**. Cor (DVD), 64 minutos, Porto Nacional: Idearte audiovisual, 2014

NEIVA, João Luiz. **Projeto 21 – segunda temporada**. Cor (DVD), 67 minutos, Porto Nacional: Idearte audiovisual, 2014

NEIVA, João Luiz. **Projeto 21 – terceira temporada**. Cor (DVD), 62 minutos, Porto Nacional: Idearte audiovisual, 2014